

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI CA

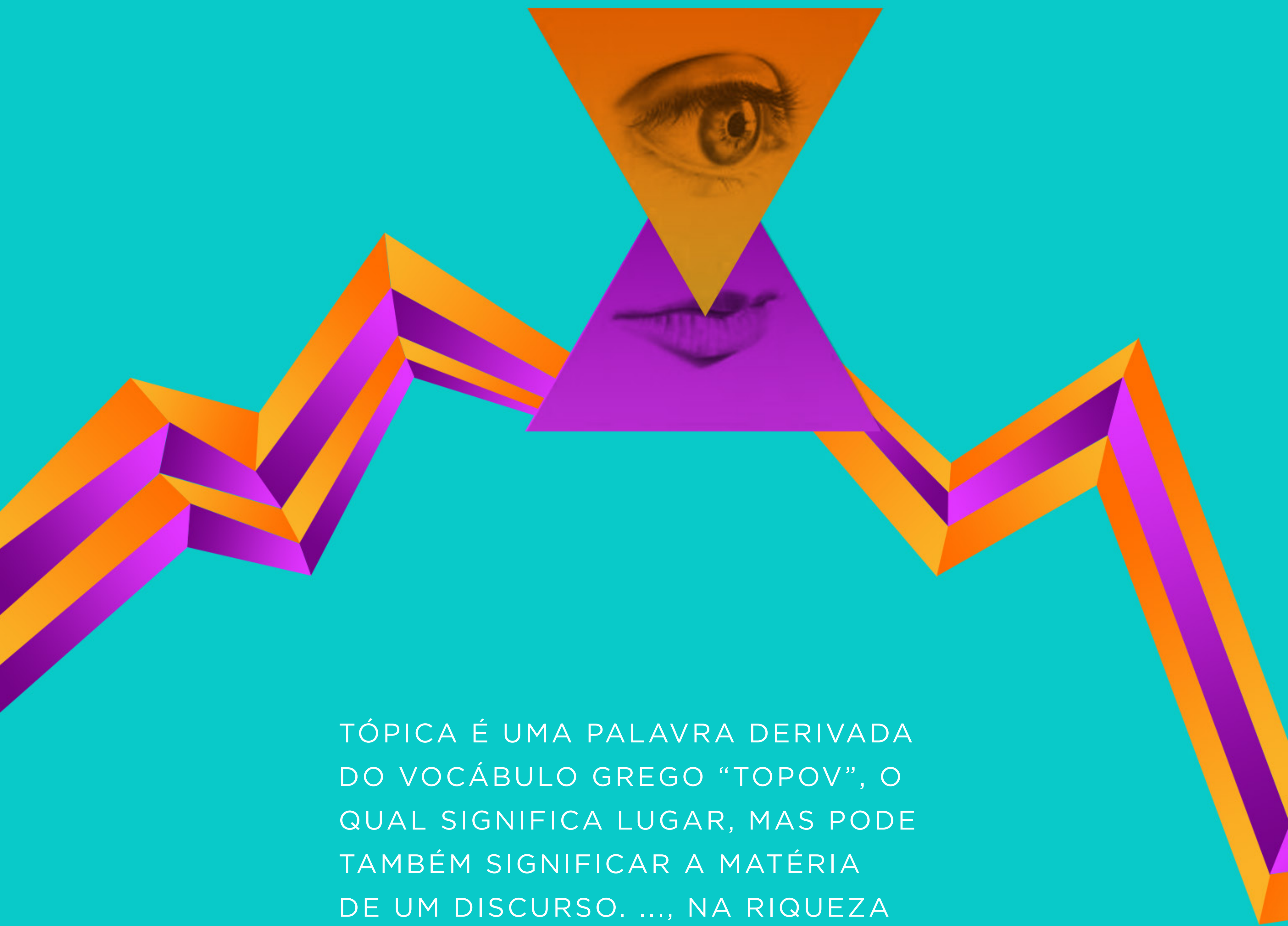


N. 8

ANO 8
NOVEMBRO.2013
MACEIÓ.AL
BRASIL

GPAL
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

ISSN 1980-8992



TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO “TOPOV”, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

TESOUREIRA

Maria Edna Melo Silva

SECRETÁRIO

Elpídio Estanislau da Silva Jr.

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE
FORMAÇÃO**

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE
CIENTÍFICA**

Lenilda Estanislau Soares de Almeida

COMISSÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo

Francisco José Passos Soares

Heliane de Almeida Lins Leitão

Maria Edna de Melo Silva

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

Stella Maris Souza da Mota

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Michel Rios

CAPA

Michel Rios e Luísa Estanislau

REVISÃO

Fernanda B. B. Alves Pinto

Lígia D'Alva

Sidney Wanderley

GPAL
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do
Grupo Psicanalítico de Alagoas (GPAL)

Parque Gonçalves Lêdo, 47, Farol -

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

gpalmaceio@hotmail.com

www.gpal.com.br

PRELÚDIO: O PRENÚNCIO DA CONSTRUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA, COM ÊNFASE NO LEGADO WINNICOTTIANO¹

SOCORRO TENÓRIO²

RESUMO

O enfoque central deste trabalho é relacionado ao processo de construção da língua escrita de uma criança de nove anos, a quem darei o pseudônimo de Prelúdio, cujo desejo inconsciente se faz presente através do sintoma de

evitação para aprender a ler e escrever. A abordagem da temática entrelaçará fundamentos winnicottianos com a práxis na Psicopedagogia Clínica.

¹ _____
Trabalho apresentado na III Jornada Interna de Psicanálise do GPAL, em outubro de 2011.

² _____
Psicóloga e Psicopedagoga clínica (EPSIBA, Buenos Aires), Neuropsicóloga (CPHD, Recife), Especialista em Deficiência Mental (UFAL).

A libertação da inteligência aprisionada, somente poderá dar-se através do encontro com o perdido prazer de aprender (FERNÁNDEZ, 1990, p. 18).

Freud, em 1918, durante o V Congresso Psicanalítico Internacional, em Budapeste, já colocava a semente do futuro em relação às novas atividades que iriam beneficiar-se da luz da Psicanálise, “(...) aprender novas coisas e alterar os nossos métodos de qualquer forma, que os possa melhorar. (...) Devemos o nosso lugar na sociedade humana e assumir uma visão geral das novas direções em que se pode desenvolver” (FREUD, 1987, p. 173). O discurso deu ênfase à adaptação da técnica psicanalítica às novas condições, propondo formas diferentes para demonstrar a teoria. Com identidade própria, a Psicopedagogia trabalha com a aprendizagem e suas fraturas, cuja “tarefa aponta para a conquista de que o acompanhamento se transforme em um ‘espaço transicional’, em que seja possível reconstruir o espaço de jogo e criatividade de nosso paciente, que é matriz do aprender” (FERNÁNDEZ, 1990, p. 27). O profissional da referida área utiliza a Psicanálise, mas de uma forma diferente do tratamento analítico. O objetivo é compreender a subjetividade do sujeito, sua modalidade de aprender, buscando libertar a inteligência. O pensamento deve fluir na possibilidade de uma práxis em Psicopedagogia, com um

olhar e uma escuta psicanalíticos buscando as possibilidades saudáveis do paciente, estudando-lhe as dificuldades para compreendê-lo.

A mãe (terapeuta) propicia uma sustentação emocional (*holding*) com tranquilidade, podendo esperar a necessidade do bebê (cliente) para que a aproximação e a busca do seio, do alimento, do conhecimento, sejam gestos espontâneos, e que não uma imposição dela (mãe intrusiva). A partir daí, inicia-se o desenvolvimento de sua capacidade de SER criativo.

- Que ganho e que função tem o não aprender para meu cliente?
- Como e por que ele evita o conhecer?

Prelúdio, nome fictício do cliente de nove anos de idade, cursando o 3º ano, foi encaminhado para mim através de uma colega psicoterapeuta que o estava acompanhando há cerca de dois anos. Durante nossa entrevista, a mãe relata: “já não sei mais que fazer para ajudar meu filho aprender a ler” (*sic*). A escola fala de dislexia e a mãe, preocupada, investigou o assunto na internet. A professora colocou que Prelúdio está bem

abaixo do aprendizado da sala, que ele se nega a escrever, ficando difícil mensurar seu aprendizado no período de avaliação mensal. Fala a mãe durante a entrevista: “A escola é como se não existisse pra ele (...) ignora que não sabe ler e que é adotivo” (*sic*).

A família é composta de dois filhos: o primeiro filho é Prelúdio e o segundo é uma menina também adotiva. Prelúdio foi deixado no jardim da casa da mãe adotiva, numa noite do mês de julho; sua mãe não o esperava, e, de início, pensava que era um pacote deixado por alguém. A mãe afirma que o filho nega sua adoção, colocando para as pessoas que a irmã é que é adotiva, “Ele diz de pé junto que a irmã é que não é filha da barriga” (*sic*).

A condição de adotada não implica que a criança tenha de ser envolta em sintomas psicopatológicos, mas sua história carrega a marca do abandono. Prelúdio traz para sua condição de vida o fato de ser adotado.

Que conjecturas podemos fazer de sua vida intra e extrauterina? Que vivências Prelúdio experimentou nesse período? Foi desejado? Houve investimento ou não em sua pessoa por parte de sua mãe biológica?

O fato é que Prelúdio, por alguma razão, não pode ficar com quem o gestou. Nesse período, ele estava ligado pelo cordão umbilical – foi a mãe biológica que ele conheceu através dos batimentos cardíacos dela, dos movimentos peristálticos e descargas hormonais que variavam conforme o estado dela –, houve

um aprendizado e um ritmo próprio construídos.

Prelúdio nasceu; além do corte do cordão umbilical, ele foi abandonado num jardim. Mas, ao mesmo tempo, houve a esperança de que alguém o encontrasse e acolhesse.

A adoção tem a característica de um corte, de um elo rompido e perdido; a criança encontrará outra mãe, com outra linguagem, uma nova inscrição. Ela é uma desconhecida para ele, diferente de tudo que aprendeu no útero materno. Enfim, há uma descontinuidade com o que viveu na vida intrauterina.

A mãe adotiva o acolhe, porém recebe uma criança que não gestara, verdadeira desconhecida para ela. Essa mãe terá de fazer o luto do filho biológico e se autorizar a fazer a maternagem de uma criança, que necessita de uma mãe, e dela, que necessita de um filho. Dessas duas necessidades, nasce a reconstrução do elo perdido, na possibilidade de novas aprendizagens. É primordial que não permaneça o segredo da adoção e que exista a circulação do conhecimento, de que, apesar de não biológico, tal filho é amado.

A criança, ao nascer, vive um momento de não integração; porém, amadurecer é condição do ser humano. Para isso, é necessário um ambiente suficientemente bom, sendo também, importante considerar, as necessidades iniciais da vida do bebê – como respirar, buscar alimento, lidar com ação de gravidade e, principalmente, retomar o sentido de continuidade de ser. É fundamental que, nessa fase, a mãe seja suficientemente boa, identificada com seu bebê, para que possa atendê-lo em suas necessidades fundamentais.

Prelúdio, no dicionário Houaiss, significa *ato preliminar, primeiro passo para (alguma coisa), primeira etapa para determinado desfecho, sinal ou indício do que há de acontecer; prenúncio*³. A reflexão é pertinente para indagar sobre Prelúdio. Através do atendimento psicopedagógico, ele faz um exercício prévio, em busca do processo de se autorizar como sujeito pensante.

O *setting* psicopedagógico é voltado para propostas, a fim de que possamos conhecer como nosso cliente aprende e qual sua modalidade de aprendizagem. Inicialmente, deixo o cliente livre

e, depois, converso sobre o trabalho, para que, como terapeuta, eu possa ajudá-lo. No tempo certo, apresento uma caixa com materiais para suas possíveis construções. Falo que pode brincar livremente com esses materiais (tintas, lápis, papéis, revistas, livros de histórias etc.). Prelúdio foi pegando os materiais de forma mecânica. Falou que não gostava de fazer tarefas e que sua psicóloga jogava bola com ele. Fiz o convite para confeccionarmos uma bola de papel; não foi aleatório, optei pela possibilidade de abrir um espaço de confiança e Prelúdio se permitir criar. Peguei a caixa e fomos tirando papéis, revistas e fita adesiva para fazer a forma da bola. As primeiras sessões foram acontecendo com criatividade em volta do jogar.

A criatividade faz parte

3 _____
Disponível em:
<<http://houaiss.uol.com.br/busca?pala-vra=prel%FAudio>>.

do ser humano, porém é necessário que haja um ambiente que permita ao bebê (cliente) desenvolver seu potencial criativo.

Após várias sessões, Prelúdio negava qualquer proposta para que eu pudesse conhecê-lo e ajudá-lo na sua construção da língua escrita, provavelmente elaborações inconscientes relacionadas ao não desejo de entrar em contato com estímulos acadêmicos. O sintoma se fez presente através da aprendizagem, não se autorizando explicitar suas reais possibilidades. Observou-se, em Prelúdio, um transtorno de aprendizagem sugestivo de “inibição cognitiva”.

Na inibição, encontraremos diminuição, evitação ao contato com o objeto do pensamento [...] o conhecer implica aproximar-se do objeto do conhecimento, porém o objeto do conhecimento está sexualizado e, por este motivo, sexualiza-se também o conhecimento. [...] O pensar em seu conjunto e o aprender serão evitados (FERNÁNDEZ, 1987, p. 87).

Senti que fiquei identificada pela demanda (escola/mãe) em completar a avaliação psicopedagógica com o devido resultado. Minha contratransferência se fez presente diante das expectativas de ambas. Mas a necessidade do meu cliente era outra e, diante da minha reflexão, fui de encontro aos anseios da mãe e da escola. Resolvi desarmar meus clichês sobre o modelo

padrão desse primeiro momento do atendimento psicopedagógico e me autorizar a pensar de forma diferente. “Para pensar novas ideias temos que desarmar nossas ideias feitas e misturar as peças, assim como um tipógrafo ver-se-á obrigado a desarmar os clichês, se deseja imprimir um texto num novo idioma” (FERNÁNDEZ, 1987, p.23). Marquei uma entrevista com a escola e a mãe e coloquei minha proposta para atender Prelúdio. Era importante resgatar, ressignificar seu desejo de aprender, colocando à parte, no momento, o processo de avaliação psicopedagógica que me propusera a fazer. Assim, começamos a nos aproximar, e, através do jogo de bola, Prelúdio foi-se permitindo escrever no placar improvisado por nós o resultado do jogo.

Aproximadamente após quatro meses, chegou desejando brincar de “telefone sem fio”. Confeccionamos um, com dois copos descartáveis e um cordão. A entrevista aconteceu no intervalo do jogo, nosso acordo seria que eu fosse a jornalista e ele o jogador, conversando sobre o sucesso das partidas e sua vida. Colocou que tinha uma irmã chata

e que não queria falar. “Não quero mais jogar” (*sic*). Propus que desenhasse o que estava sentindo; demorou um pouco e pegou lápis e papel em cima da mesa, rabiscou com força, rasgou o papel e quebrou os lápis-cera que estavam ao seu alcance. Percebi, nesse momento, que se inquietou ao falar da irmã, possivelmente trazendo à tona conteúdos da sua adoção. Tal fato aconteceu ao término do seu horário. À noite, a mãe me telefona e fala que o filho, ao chegar a casa, trancou-se no quarto chorando e só permitiu a companhia da avó.

O bebê adotado pode viver e repetir vida afora, pelo profundo desamparo inicial, a experiência traumática do pânico, o qual seria o prenúncio, o berro existencial que antecipa a possível queda no abismo e a catástrofe psíquica (LISONDO, 1999, p. 500).

Numa relação de confiança, a avó se faz presente e o acolhe em seu grito inflamado de dor psíquica. Segundo Winnicott:

[...] a mãe (não necessariamente a própria mãe do bebê) suficientemente boa é a que faz uma adaptação ativa às necessidades do mesmo, uma adaptação ativa que gradualmente diminui, de acordo com a crescente capacidade do bebê de suportar as falhas na adaptação e de tolerar os resultados da frustração (WINNICOTT, 2000, p. 326).

O sentimento do choro que Prelúdio experienciou foi vivido por ele com muita dor e agressividade diante do contato com sua história. Imagino que foram momentos difíceis, porém, depois de algum tempo, o despertar de se conhecer foi construindo-se aos poucos. “Mas o que finalmente leva o bebê a sentir uma pessoa na mãe, é, talvez a capacidade especial da mãe para colocar-se no lugar da criança e, assim entender o que ele sente” (WINNICOTT, 1982, p. 49).

Prelúdio resiste a aprender a ler talvez como função positiva para não psicotizar, e inibe buscar conhecer, através do mecanismo de evitação, o que nós, psicopedagogos, chamamos de *inibição cognitiva*, quando se evita o conhecimento. Para que se construa a aprendizagem, é necessária a circulação entre o conhecimento, que aprende na relação com o conhecimento do outro, e o saber, que é inconsciente. O registro da adoção estava involuntariamente inscrito, porém era negado. É oportuno colocar que manifestações do não aprender nem sempre se relacionam com a inibição cognitiva; não podemos generalizar.

Significa dizer que fatores adversos podem estar interferindo para o aluno aprender.

Para Winnicott, permitir construir um espaço transicional na relação terapeuta/cliente é imprescindível para que ocorra um espaço potencial e aflore a criatividade. O psicopedagogo compreende que esse espaço também é um espaço de aprendizagem. Não é só o lugar, é também um espaço interno, um espaço que se constrói no vínculo entre o cliente e o psicopedagogo, numa relação recíproca do jogar. Essa zona transita entre a fantasia e a realidade; só experienciando este lugar, é que se pode construir a capacidade de estar só e a capacidade de estar com o outro.

A partir do nascimento, o bebê inicia o processo de aprendizagem e, conseqüentemente, constrói sua modalidade de aprender através do vínculo com a mãe. A experiência de procurar o seio, de acomodá-lo à boca, vai permitindo à criança momentos de aprendizagem. Na busca de saciar a fome, o bebê vivencia o conhecimento físico na adaptação a um seio duro, mole, cheio, seco, iniciando assim o processo de classificação.

Na ação com objetos, a criança experiencia relações lógicas de forma concreta, tornando-se cada vez mais presente o processo lógico de classificação, seriação, inferência e, posteriormente, o pensamento hipotético-dedutivo ou formal, vivenciado através de hipóteses a partir dos doze anos de idade. Nos pressupostos de Piaget, “as ações que

a criança desempenha sobre os objetos é que a levam a estabelecer relações e a desenvolver seu conhecimento...” (in CARRAHER, 1986, p. 70). Ele também postula sobre a inteligência que se constrói na relação com o meio através de estágios cognitivos. Inicia-se com a inteligência sensório-motriz, processo que se constrói pela ação. Porém, é válido ressaltar que ao mesmo tempo em que a inteligência busca o objeto, conhecendo-o, a dimensão subjetiva está presente, representando-o, transversalizado com o desejo inconsciente de significados. Para Anny Cordié:

[...] na inibição, o sujeito revela alguma coisa de sua verdade, através de um não que é um não de recusa, não é mais o não produzido no discurso, é um ato: a parada de pensar é um ato da mesma qualidade que a parada de fazer (anorexia, paralisia). [...] Um ato não é uma ação. A ação esta ligada à vontade, a um agir não significativo. O ato depende do âmbito do inconsciente” (CORDIÉ, 1996, p. 150).

Prelúdio não se autorizava a ser sujeito pensante e, aos poucos,

foi permitindo-se mostrar possibilidades de pensamento em volta do aprender. Através do jogo de bola, iniciamos nossa relação. Sara Pain coloca que “tudo começa na triangulação do primeiro olhar” (*apud* FERNANDEZ, p. 28). O psicopedagogo olha e desvia seu olhar, o cliente busca seus olhos e o acompanha. O cliente vai-se aproximando diante de outras possibilidades em busca de aprender. A relação é de “ensinante/aprendente”, e vice-versa.

Ao longo do processo, foi possível oferecer, gradualmente, propostas de leitura e escrita em função de suas necessidades. Atualmente, Prelúdio está iniciando a construção da escrita com hipótese no nível alfabético.

Por fim e para concluir, Prelúdio, fragmentado no seu aprendizado e na sua relação inicial mãe-bebê, propôs uma abertura à psicopedagoga, quando da sua recusa a fazer as propostas dadas. Ao mesmo tempo em que Prelúdio lida com o abandono, ele lida com a recusa de aprender (simbolizado pela quebra dos lápis, instrumento de inscrição); percebe-se, na sua dinâmica, um movimento de esperança através do brincar, construindo um “telefone sem fio”, que, provavelmente, foi a reconstrução do vínculo, da troca, da comunicação. É possível que o jogo de bola, um elo de ligação, denote a garantia do retorno da mãe. O telefone sem fio supõe o cordão umbilical ligando-o à mãe. Nesse momento, é necessário que a terapeuta

se disponibilize, colocando-se, como diria Winnicott, na função de “mãe suficientemente boa”, para que a aprendizagem do seu cliente possa fluir. Prelúdio pôde construir sua escrita. Prelúdio não está mais para acontecer, ele está acontecendo.

REFERÊNCIAS

- CORDIÉ, Anny. *Os atrasados não existem: psicanálise de criança com fracasso escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CARRAHER, Terezinha Nunes. *Aprender pensando: contribuições da Psicologia Cognitiva para a Educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FERNÁNDEZ, Alicia. *A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FREUD, Sigmund. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

LISONDO, Alicia B. D. Travessia da adoção: a ferida na alma do bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 33, p. 500, 1999.

WINNICOTT, Donald W. *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, Donald W. *A criança e o seu mundo*. 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

WINNICOTT, Donald W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.